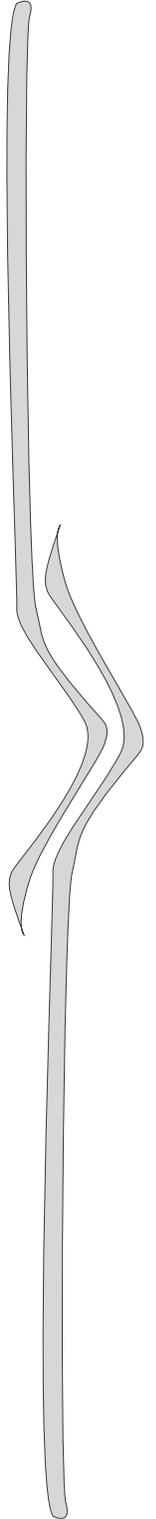


Editorial



Entre o quintal e o mundo

*As línguas, como os rebanhos, não se detêm nas fronteiras,
elas migram, deixam rastros umas nas outras,
se transformam e permanecem singulares.*

(Barbara Cassin)

Em uma pequena porção de areia poderíamos ter notícias do deserto inteiro, mas, se há elementos do deserto em seu punhado, precisaríamos de parâmetros para percebê-los. Nas imagens de quintal e de mundo, retiradas da poesia de Manoel de Barros (2015), estão figurados espaços cujas relações complexas vemos refletidas no presente número do *Jornal de Psicanálise*. Se o quintal está no mundo e o mundo está no quintal, suas relações não são simples, e a maneira de articulá-los e de pensar a posição da psicanálise e do psicanalista nesse “espaço-entre” merece reflexão.

Cada vez que escutamos um paciente, somos testemunhas das “soluções” (McDougall, 1978) criativas elaboradas para dar conta de vivências intrapsíquicas e intersubjetivas atravessadas por uma certa condição histórico-social. O sujeito é sempre a resposta ativa de sua experiência construída numa região de encontro de muitas dimensões. Os diferentes níveis de sofrimento dos arranjos atestam as desigualdades das variáveis em jogo. Nesse mundo, os ecossistemas e biomas são múltiplos. As realidades têm marcadores sociais, raciais, políticos. A causalidade psíquica, como vemos, está em íntima associação com outras.

Também a escuta do psicanalista tem suas determinações. “Nada do que é humano me é estranho” (163 d.C.), ensinava Terêncio na Antiguidade. Dessa sabedoria, entretanto, vale ponderar que, limitado por seus atravessamentos, o analista não conhece em si todas as combinações possíveis do que é humano e, curioso, pode lançar-se a explorar outros universos. Barbara Cassin (2022) formula um interessante convite para “complicar o universal”. Em seu elogio à tradução, tomada como modelo do entre-línguas, afirma que cada língua leva consigo uma visão singular do mundo, que merece ser preservada, para que, sendo uma entre outras, se possa conviver com a diferença sem buscar um universal absoluto.

As produções psicanalíticas, da mesma forma, revelam que sua construção epistemológica é marcada por um tempo e um espaço, varia com

as latitudes, é um recorte interpretativo. A leitura crítica de uma obra recompõe esses elementos e desnaturaliza aquilo que é produção humana e, portanto, cultural.

Quando a linha editorial que propomos no *Jornal de Psicanálise* rastreia o que o mundo oferece de interrogantes à psicanálise, à sua forma de produzir teoria, de se organizar em instituições, de escutar na clínica, é porque consideramos que quintal e mundo estão intimamente conectados e porque qualquer separação radical entre esses termos é inevitavelmente artificial e traz consequências. Ler criticamente o que se produziu em um dado local e momento não significa deslegitimá-lo, mas contextualizar nossas fontes. É um intento de deixar as teorias serem provocadas pelos novos desafios sem exigir uma resposta impossível de ter sido dada em um tempo em que a pergunta ainda não estava formulada, nem tampouco deixar de levar adiante a questão por temer profanar o estabelecido.

Essa íntima relação entre os campos que compõem as fronteiras do sujeito e da psicanálise foi apontada e negligenciada em diferentes momentos do movimento psicanalítico. Hoje, há um acento na visão de que o psicanalista não consegue atuar fora de um efeito político, não é capaz de escutar sem determinações de seu lugar social histórico e dos impactos da tradição de seus autores. Esse reconhecimento fundamenta intervenções que passam a fazer nuançar o lugar da neutralidade analítica, seja na escuta ou no ato, noção que pode ser discriminada mais claramente do conceito de abstinência. Essa virada inaugura novos impasses, que precisam ser levados em conta não apenas empiricamente, mas também nas formações psicanalíticas e de modo científico, conforme acompanhamos neste veículo de publicação. Não há prática sem riscos, e esse modo de ser psicanalista certamente leva em conta os seus.

A posição de fronteira da psicanálise indica sua constituição com bordas necessariamente permeáveis, tal como uma pele psíquica (Anzieu, 1989), pela qual ocorrem trocas arejadoras e de mútua influência entre áreas.

Por um lado, o enrijecimento desses limites para manter a ilusão de separação e proteção da psicanálise em relação ao espírito do tempo é uma ameaça que pode tornar instituições e teorias obsoletas e privadas do insumo que faz a psicanálise trabalhar. A cultura não entra na psicanálise como uma subespecialidade relacionada aos chamados trabalhos na comunidade, está presente em todas as formas de atuação e discurso produzidos em nosso quintal.

Por outro lado, evitar alienar-se, numa pretensa neutralidade, e lançar-se a abordar temas socioculturais exige resistir à tentação colonizadora de apagar o mistério da voz das demais disciplinas. A psicanálise sozinha não é suficiente. Não ceder ao furor capaz de reduzir qualquer fenômeno ao repertório psicanalítico torna-se também uma preocupação, ressaltada desde Freud (1926/2006a, 1933/2006b), que, sempre atento aos marcadores culturais de seu tempo e em diálogo com eles, era contrário à transformação da psicanálise em uma *Weltanschauung*, manual para a vida com informações sobre todos os assuntos. A sustentação de interesse pelo que não estreita quintais, o saber-se quintal que não é forjado senão por coisas do mundo, faz uma psicanálise “destelhada”, instrumento crítico implicado em sua participação como discurso, com compromissos epistemológicos, estejamos nós psicanalistas conscientes disso ou não.

A psicanálise é também instituição, e como tal tem suas soluções. Soluções impermanentes, abertas a serem postas em perspectiva e sujeitas a reavaliações. Nesta edição, publicamos a mesa do evento de lançamento do último número do *Jornal de Psicanálise* “Psicanálise em (de)formação”. O evento, que debateu a análise do analista e os arranjos institucionais por ora adotados pela SBPSP, cumpre o papel de deixar entrar o *Zeitgeist*, vozes de uma nova geração que vieram questionar nosso quintal.

Num convite a pensar a psicanálise como cultura sem lançar imaginariamente para lados opostos psicanálise e cultura, o presente número interroga maneiras de ser psicanalista e de ocupar um lugar no debate cultural compartilhado. A temática não se restringe aos importantes artigos da seção específica para o tema, infiltra as seções Diálogos, Conexões, Entrevista, AMF, Aula inaugural e História da psicanálise.

Na seção Conexões, o artigo de Júlia Otero dos Santos demonstra a contribuição da antropologia para a revitalização da noção de outro. Com base na mitologia ameríndia, são pensadas a multiplicidade de mundos e a abertura ao Outro.

Em Diálogos temos Wilson Franco e Elias Mallet da Rocha Barros debatendo o artigo de Mônica do Amaral e sua proposta de uma epistemologia latino-americana e afrocentrada da psicanálise brasileira.

Em História da psicanálise, Mariangela Kamnitzer Bracco apresenta os efeitos do nazismo sobre a psicanálise alemã e os caminhos pelos quais ela renasce em solo tão devastado.

Pela AMF, o artigo de Márcio de Assis Roque discute as relações institucionais sob a perspectiva dos pactos narcísicos que podem impedir a diversidade nesses espaços.

A entrevista realizada em 2017 pela AMF com Janine Puget, falecida em 2020, abordou relevantes aspectos que a autora considerava promotores de transformação na psicanálise.

Desejamos que a leitura das páginas a seguir favoreça reflexões sobre nossos quintais institucionais e psicanalíticos, na direção de fazê-los porções de areia cada vez mais representativas e atentas à diversidade presente no mundo. Nosso quintal pode (e deve) alcançar o mundo, refletir características geográficas de clima, vegetação e solo, expandir territórios e reflorestar ideias.

Boa leitura a todos!

Referências

- Anzieu, D. (1989). *O eu-pele*. Casa do Psicólogo.
- Barros, M. de. (2015). *Meu quintal é maior que o mundo – Antologia*. Alfabeta.
- Cassin, B. (2022). *Elogio da tradução: complicar o universal*. WMF Martins Fontes.
- Freud, S. (2006a). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 20, pp. 95-201). Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (2006b). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 22, pp. 13-177). Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- McDougall, J. (1979). *Em defesa de uma certa anormalidade*. Artes Médicas.
- Terêncio (163 d.C.). *Heautontimorumenos*.

Berta Hoffmann Azevedo
Editora
bertaazevedo@hotmail.com